

BETAR & ARTES & LETRAS

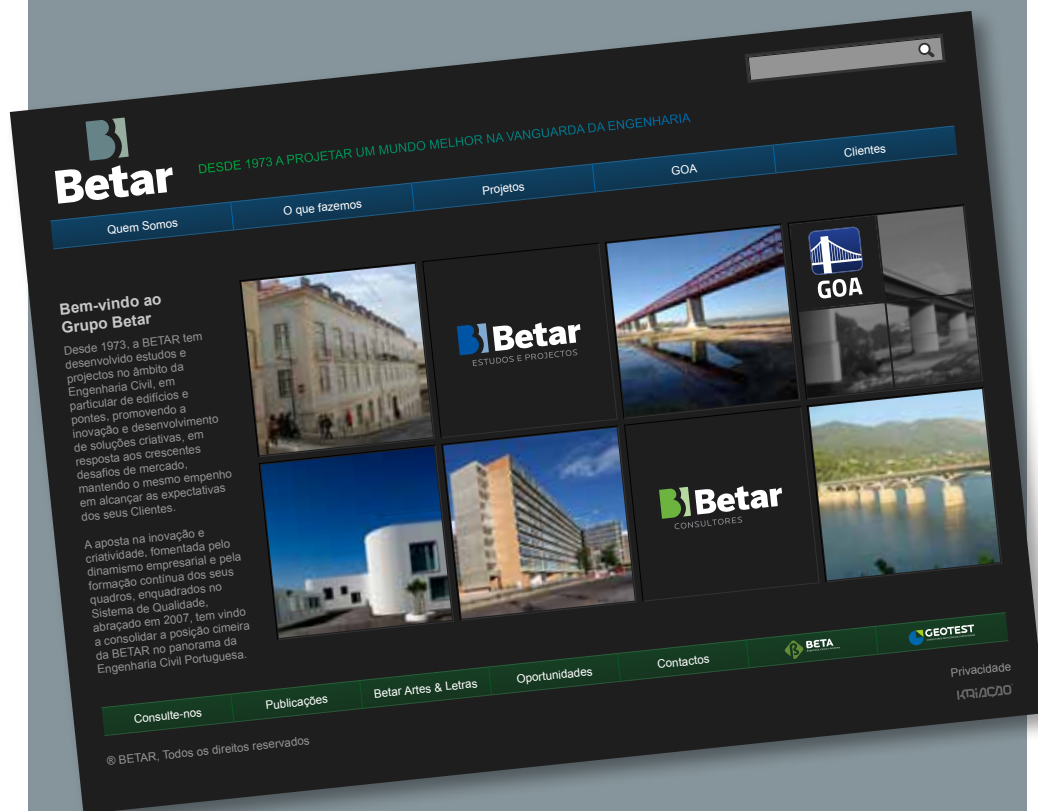
open house lisboa

Visitas guiadas pelo património
edificado da cidade

B
Betar

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.

A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



www.betar.pt

FICHA TÉCNICA

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIREÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDATORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt



Depois da descontração dos festivais de verão, outubro é uma espécie de rentrée dos espetáculos mais clássicos. A não perder são os concertos de John Pizzarelli e Dave Matthews Band, bem como um bailado de Olga Roriz e homenagens a Simone de Oliveira e Celeste Rodrigues.

Na sétima arte, uma vez mais, filmes oriundos de todo o mundo oferecem-nos um mapa do cinema documental atual. O Doclisboa está de volta para mais uma edição que promete muita qualidade.

Também este mês, durante um fim de semana, Lisboa estará de portas abertas. O Open House volta a promover o interesse do público em geral pela arquitetura, através de visitas guiadas pelo património edificado da cidade.

No teatro, a subida de Ricardo III ao trono de Inglaterra é narrada na nova peça do Teatro D. Maria II e um texto de Lillian Hellman, que questiona os valores da sociedade, estará em cena no Teatro Aberto.

A obra de Mário Rita e a necessidade humana de fixar momentos em retratos são avaliados nas exposições que a Artes&Letras sugere para este mês, na capital. E no Porto vai ser possível recordar Amália Rodrigues; ver obras de Helena Almeida; e assistir à peça “A decisão”, de Bertolt Brecht.

Nesta edição, a entrevista foge ao habitual. Fomos conhecer um espaço em Lisboa que está a contribuir para desenvolver a arte contemporânea e aproximá-la das pessoas. Fique a conhecer.

MARIA DO CARMO VIEIRA

Existe em Lisboa um espaço singular que tem o intuito de divulgar a arte contemporânea e fazê-la chegar a mais pessoas.

O Eng. João Loureiro explica em que consiste o Gabinete. Por Cátia Teixeira



Fernanda Fragateiro
"Aula de Ginástica" 2015 - Suporte aço inoxidável polido; I caderno manufaturado revestido a tecido.
Edição de 9



Francisco Tropa
"Penas" 2010
Fotografia sobre papel de algodão.
Edição de 5

O que é o Gabinete e quais os objetivos?

O Gabinete tem como propósito o comércio de múltiplos de arte, dando dignidade a essas peças que, ao longo dos anos, têm sido um pouco maltratadas, com edições de centenas de exemplares. O que pretendemos é fazer a diferença nessa matéria, trabalhar com edições de poucos exemplares. Queremos também tornar a arte mais próxima das pessoas, porque há muitas pessoas que gostariam de comprar, pontualmente, uma peça, ou até fazer uma coleção, mas não podem comprar peças únicas. O que temos no Gabinete são múltiplos em edições pequenas. Estamos vocacionados para a arte contemporânea nacional, temos os principais artistas portugueses, e gostaríamos - e iremos seguramente - alargar o leque a artistas estrangeiros. Estamos ainda a fazer edições próprias.

Que edições já fizeram e quais se seguem?

A edição inaugural foi com o Jorge Molder,

foram seis exemplares de uma fotografia impressa em papel de arroz. A segunda edição foi um acrónimo da palavra arte, em bronze, do Francisco Tropa, que tem tido uma excelente aceitação. E a terceira foi uma edição da Fernanda Fragateiro, associada ao evento Bairro da Artes, que se realizou dia 17 de Setembro. É uma edição de nove exemplares, o primeiro múltiplo escultórico que a artista produziu. Em Outubro vamos fazer uma edição do Rui Toscano, em Novembro com o André Cepeda e em Dezembro será com o João Queiroz. Teremos também, em breve, algumas obras de Helena Almeida e tencionamos aumentar o acervo de livros de artista.

De onde partiu a ideia de criar este espaço?

Este projeto envolve, além de mim, dois grandes amigos, o Delfim Sardo e o Rui Abreu Dantas. O Delfim Sardo é uma referência da arte contemporânea em Portugal, e não só. É professor universitário, curador

e crítico de arte. O Rui Abreu Dantas está também ligado à arte, é museólogo, trabalha no Instituto de Macau. Eu sou engenheiro civil, tenho muito gosto por esta área e acompanho arte contemporânea há muitos anos. Esta ideia surgiu há algum tempo, foi amadurecendo em conversas, e em outubro do ano passado decidimos avançar. Constituímos a sociedade, procurámos um espaço e tivemos a sorte de encontrar este, que considero muito interessante, pela localização e pela luz que tem, que ajuda as peças que estão expostas a terem uma expressão ainda maior. Inaugurámos no final de março. Não somos uma galeria, não queremos concorrer com galerias, temos uma excelente relação com elas, algumas até nos têm apoiado imenso.

Qual é o público-alvo?

O que pretendemos é chegar a muitas pessoas. Temos um público natural, que nos tem visitado imenso, que são os colecionadores, pessoas com gosto pela arte, artistas que



querem comprar obras de outros artistas, mas também o público que, às vezes, tem alguma inibição em aproximar-se das galerias de arte, porque teme o valor das obras. Aqui, temos peças para todos os preços, desde pequenas dezenas de euros até dezenas de milhares de euros. Têm entrado também muitos estrangeiros, alguns por curiosidade, outros até ficaram clientes. Brasileiros e franceses, sobretudo. É também um objetivo divulgar o nosso projeto noutras cidades europeias. Lisboa não tinha um espaço como este, mas noutras capitais europeias existem locais assim. Ainda há pouco tempo tivemos um cliente que nos pediu uma peça específica do Julião Sarmento e que encontrámos na Alemanha. Esta dinâmica é também algo que nos interessa.

Que artistas estão presentes no espaço e como os selecionam?

Temos vários artistas de renome na galeria. Para além dos que já mencionei - Jorge Molder, Francisco Tropa e Fernanda Fragateiro - temos obras do Julião Sarmento, do João Louro (que representou Portugal na Bienal de Veneza deste ano), do José Pedro Croft, do Pedro Falcão, do João Onofre, do Hugo de Almeida Pinho, do Daniel Malhão, da Ângela Ferreira, da Ana Romana, entre outros. Cabe ao meu sócio Delfim Sardo a tarefa de seleção, porque ele é o diretor artístico do espaço. É ele que escolhe os artistas de acordo com o entendimento que tem do seu valor. É esse o critério. Já aconteceu artistas proporem os seus trabalhos, e também há artistas que nunca trabalharam os múltiplos de arte e que são desafiados a fazê-lo. O João Queiroz, por exemplo, vai fazer um múltiplo pela primeira vez. Será uma pequena edição em gravura, especialmente para o nosso espaço. Mas temos também projetos em preparação



João Louro
"Double Indemnity" 2007
Serigrafia. Edição de 3

com a Gabriela Albergaria, com o Ricardo Jacinto, para além de projetos expositivos em desenvolvimento. Há também uma tônica na arquitetura, com projetos em desenvolvimento com Manuel Mateus e João Luís Carrilho da Graça, dois dos mais importantes arquitetos portugueses.

Que ideias têm para o futuro?

A partir do próximo ano, queremos trabalhar junto das empresas, dos decoradores e dos arquitetos. Podemos ser parceiros junto dos seus clientes, em projetos de decoração esteticamente exigentes. É um mercado que não está suficientemente desenvolvido mas muitas pessoas gostariam de poder ter acesso a este tipo de peças. Acreditamos que esta é uma ótima porta de entrada no universo do colecionismo. Repare-se que estamos a falar de obras originais, editadas em múltiplo. Frequentemente os artistas dão enorme importância a esta dimensão do seu trabalho, que lhes merece grande atenção. São objetos e imagens muito preciosos.

A BETAR está empenhada no desenvolvimento de mais um projeto fundamental para o povo de Moçambique: um laboratório para investigação na área da saúde



Moçambique poderá ter, nos próximos anos, o primeiro laboratório de referência para investigação na área da saúde, que terá como missão a criação de soluções científicas e tecnológicas para os principais problemas de saúde pública do país. Trata-se de uma obra construída de raiz, em parceria com a Embaixada dos EUA, que tem a participação da BETAR nas fundações e estruturas. O conjunto de edifícios é constituído por quatro blocos principais, separados por juntas de dilatação, que se desenvolvem em dois pisos elevados, com exceção do bloco 2, que se desenvolve parcialmente em três pisos. Os blocos 1 a 3 destinam-se a laboratórios ultra modernos e aos serviços centrais e, o bloco 4, destina-se ao átrio da entrada. Existe ainda o bloco destinado aos serviços sociais e os edifícios técnicos e da portaria. Em geral, a estrutura é porticada em betão armado nas fachadas, com núcleos de paredes envolvendo as caixas de escadas e núcleos de elevadores, suportando lajes fungiformes maciças. De forma a reduzir os custos, através da redução do peso e da dimensão das fundações, a estrutura da cobertura é metálica.

Laboratório de Referência para o Instituto Nacional de Saúde, Marracuene, Moçambique

Projeto: 2013

Obra: em curso

Área Bruta de Construção: 7 790 m²

Dono de Obra: Instituto Nacional de Saúde de Moçambique

Arquitetura: ZIAS Architecture and Engineering e Arquiplan - Arquitectura e Planeamento Limitada

Especialidades: Fundações e Estruturas

CINEMA

Filmes oriundos de todo o mundo oferecem-nos um mapa do cinema documental atual e dos horizontes que vai abrindo. A secção nacional mostra a diversidade de olhares em Portugal



Doclisboa 2015

De 22 de Outubro a 1 de Novembro

Culturgest, Cinema São Jorge, Cinemateca Portuguesa, Cinema Ideal, Cinema City, Museu da Eletricidade

Na 13ª edição, o Doclisboa continua a defender e a mostrar um cinema vivo, questionador de si mesmo e assente na necessidade de reflexão sobre a realidade. “I don’t throw bombs, I make films” é um dos motes deste ano. Uma retrospectiva temática que não nasce apenas de uma urgência de atualidade, mas também de uma vontade de compreender a contemporaneidade. O fenómeno do terrorismo tem sido representado de forma plural na história do cinema. Forçou cineastas a repensarem os acontecimentos que romperam com a ordem política, social e estética. É deste esforço que esta retrospectiva falará, através

de vários filmes que colocam o problema do terrorismo como um desafio às comunidades mas também ao cinema. A retrospectiva de autor recai sobre Željimir Žilnik, cineasta jugoslavo para quem o cinema é um meio genuinamente democrático; e o vencedor do Doc Alliance 2015 foi Homeland (Iraq Year Zero) do realizador franco-iraniano Abbas Fahdel, filme que será exibido no festival. Este ano foi criado um novo projeto: Arché, um laboratório de atividades profissionais, destinado a profissionais de cinema, constituído por uma oficina de escrita e outra de visionamento, que possibilitará encontros com convidados. Uma vez mais, “o mundo inteiro cabe em Lisboa”, pela mão de 250 filmes...

TEATRO

A astuciosa subida de Ricardo III ao trono de Inglaterra é narrada na nova peça do TNDMII. No Teatro Aberto, um texto de Lillian Hellman questiona os valores da sociedade



Ricardo III

Dois anos passados sobre a descoberta dos ossos de Ricardo III, antigo rei de Inglaterra, por baixo de um parque de estacionamento na cidade de Leicester, é o momento perfeito para desenterrar a peça homónima de William Shakespeare, datada de 1592, que relata a mais maquiavélica subida ao trono de que há memória. Eduardo IV perde a vida cedo e o trono de Inglaterra estava longe de se destinar a Ricardo. Precediam-no, na linha de sucessão, o irmão mais velho, Duque de Clarence, e o jovem sobrinho Eduardo, Príncipe de Gales, cuja guarda lhe havia sido confiada. Porém, para chegar à coroa, Ricardo engendra vários esquemas, minando a corte inglesa de falsidades e conduzindo os seus opositores à morte. O espetáculo oscila, paradoxalmente, entre o desprezo e o fascínio por este ardiloso ser.

Teatro Nacional D. Maria II

De 15 de Outubro a 1 de Novembro

Encenação: Tonan Quito

Interpretação: António Fonseca, Márcia Breia, Miguel Loureiro, Miguel Moreira, Paulo Pinto, Raquel Castro, Romeu Runa, Sofia Marques, Teresa Sobral, Tónan Quito, entre outros a anunciar

As raposas

Uma família de grandes proprietários quer expandir o seu negócio para aumentar o capital. Na luta pelo poder dentro da família, revelam-se diferentes maneiras de pensar e agir: quem olha a meios e quem só olha a fins; quem se adapta ao presente e quem se agarra ao passado; quem vence pela força e quem espera pelo momento certo; quem é pragmático e quem escuta o coração. O diz-que-disse logo se apressa a desordenar uma família com muito pouco amor próprio. Esta versão do texto de Lillian Hellman, que transporta para os nossos dias a ação da peça de 1939, salienta as paixões desencadeadas pela ânsia de poder e de dinheiro e questiona os valores que regem as sociedades globalizadas em que vivemos. Foi acrescentado um ou outro telemóvel, para se perceber que é hoje, mas história permanece intacta.

Teatro Aberto

Durante o mês de Outubro

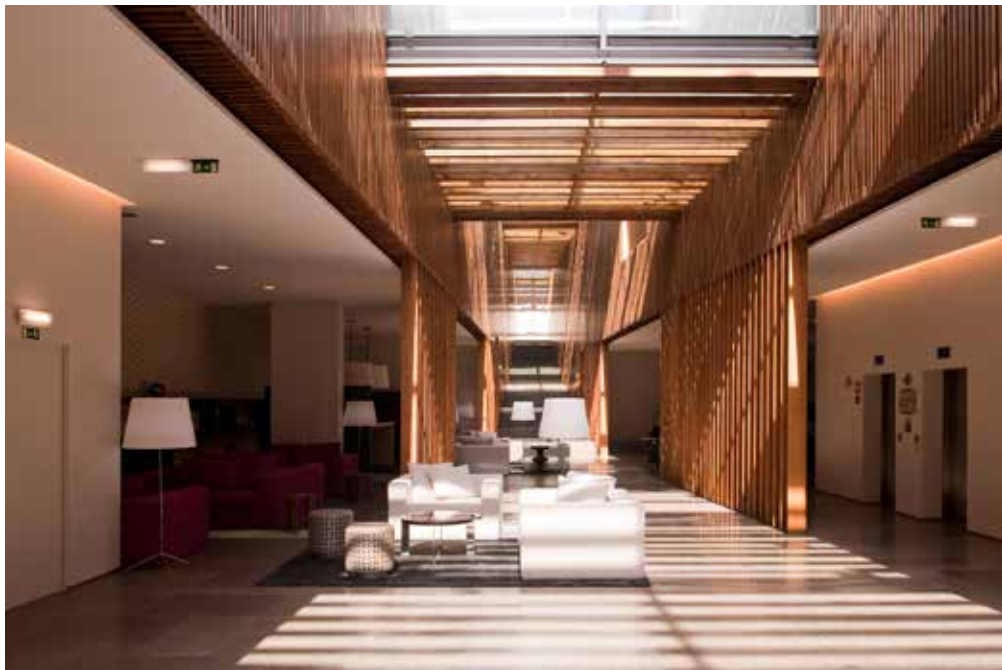
Encenação: João Lourenço

Interpretação: Diana Nicolau, Eurico Lopes, Gracinda Nave, João Perry, Luísa Cruz, Marco Delgado, Pedro Caeiro, Sofia Cabrita e Virgílio Castelo



CAPA

Durante um fim de semana, Lisboa estará, mais uma vez, de portas abertas. O Open House volta a promover a descoberta e o interesse do público em geral pelo património edificado da cidade



Open House Lisboa

Dias 10 e 11 de Outubro

Locais e horários no site www.openhouselisboa.com

Pelo quarto ano consecutivo, Lisboa recebe o evento que já se tornou uma referência na cidade. O Open House reafirma o seu compromisso com a promoção do reconhecimento do valor do património arquitetónico e urbano da capital. O evento continua a abrir portas ao que de melhor se construiu e planeou na cidade e apresenta um roteiro que contempla diversas tipologias, contextos, épocas e autores, dos mais consagrados até às novas gerações. Este roteiro propõe um olhar sobre Lisboa

através da escolha de pontos elevados, que permitem a observação da sua malha urbana, de percursos em bairros estratégicos e visitas a edifícios de referência, guiadas pelos próprios autores dos projetos ou outros especialistas. Dirigido a todos, e totalmente gratuito, o Open House Lisboa é organizado pela Trienal de Arquitectura de Lisboa em parceria com a EGEAC. O Open House nasceu em Londres em 1992 com o intuito de mostrar a todos arquitetura de qualidade e, desde então, já se estendeu a mais de 30 cidades em todo o mundo.

LÁFORA

Munch, Picasso e Auerbach são os artistas em destaque na Thyssen-Bornemisza, no Grand Palais e na Tate Britain, a partir do outono. Se tiver oportunidade, não perca



Thyssen-Bornemisza, Madrid

Edvard Munch

De 6 de Outubro a 17 de Janeiro

Em colaboração com a Munch Museet, de Oslo, o Thyssen vai acolher a primeira grande exposição sobre o artista norueguês em Madrid, desde 1984. Com curadoria partilhada pelos dois museus, a mostra vai examinar a longa e prolífica carreira de Edvard Munch através de oitenta obras do pintor. Estruturada por temas, a exposição vai explorar a representação da figura humana, mostrar a natureza radical da linguagem do artista e estudar a ambiguidade dos opostos, a simbologia da cor, a deformação expressiva dos corpos e do uso de texturas.

Grand Palais, Paris

Picasso mania

De 7 de Outubro a 24 de Fevereiro

Esta exposição pretende investigar a forma como alguns artistas contemporâneos têm interagido com a obra de Picasso, desde 1960. São avaliados diferentes momentos da receção crítica e artística da obra do pintor espanhol, bem como as etapas de formação de mitos associados ao seu nome. Estão em análise, algumas obras emblemáticas de Pablo Picasso, como “Les Femmes d’Alger (O J)”, “Guernica” e “Les Femmes d’Alger (O J)”, em confronto com obras contemporâneas de Hockney, Johns, Lichtenstein, Kippenberger, Warhol, Basquiat ou Jeff Koons.



Tate Britain, Londres

Frank Auerbach

De 9 de Outubro a 13 de Março

Frank Auerbach é o artista britânico que tem produzido algumas das pinturas mais vivas e criativas dos últimos tempos. Muitas vezes comparado a Francis Bacon e Lucian Freud, devido ao seu estilo revolucionário, Auerbach utiliza a profundidade, a textura e a sensação de espaço nas suas obras, proporcionando a que as vê uma experiência única e inesquecível. Com pinturas e desenhos da década de 50 até hoje, a mostra oferece uma dinâmica visual fascinante sobre a carreira do artista.

Concertos de John Pizzarelli e Dave Matthews Band, uma produção de Olga Roriz e duas homenagens a vozes nacionais inesquecíveis, são os condimentos para um mês apetecível



John Pizzarelli

Dia 4 de Outubro no CCB

CONCERTO

John Pizzarelli e as canções de Sinatra encaixam na perfeição embora, estilisticamente, os dois nomes de Jersey sejam muito distintos. Pizzarelli é puro, não adultera o jazz, é refrescante para o ouvinte moderno. Sinatra era todo coração; sabíamos sempre que ele ia ficar com a rapariga no fim. Pizzarelli sabe perfeitamente que não é nenhum Sinatra e essa é a chave do seu sucesso.



Simone de Oliveira e Celeste Rodrigues

Dias 7 e 8, e dia 10, no São Luiz Teatro Municipal

CONCERTO

O São Luiz vai ser palco de homenagens. A celebração dos 58 anos de carreira de Simone de Oliveira vai reunir em palco cerca de trinta músicos, com as participações especiais de Camané, Marisa Liz, FF e Três Marias. Já as sete décadas dedicadas ao fado de Celeste Rodrigues, de 92 anos, vão ser comemoradas por Camané, Helder Moutinho, Ricardo Ribeiro e Teresinha Landeiro.



Pedro e Inês

De 8 a 24 de Outubro no Teatro Camões

BAILADO

Esta obra shakespeariana é um tema recorrente das companhias de dança. É, sobretudo, apetecível pois junta à fórmula amorosa, a exaltação do dever em defesa da pátria. Pode dizer-se que é um guião perfeito. Mas o espetáculo de Olga Roriz, estreado pela companhia há 12 anos, terá sido o que melhor lhe deu a presença e a dimensão universal de um clássico. Razão suficiente para não perder este bailado.



Dave Matthews Band

Dia 11 de Outubro no Meo Arena

CONCERTO

Lisboa é a cidade de arranque da digressão europeia de Dave Matthews Band. O espetáculo, apresentado em duas partes, foi nomeado pela reconhecida revista americana “Rolling Stone” uma das mais fortes tournées de verão. Como uma carreira com mais de 20 anos, Dave Matthews Band é um dos grupos mais influentes na história do rock e líder mundial de vendas de bilhetes de concertos ao vivo na última década.



Concertos e óperas em outubro

por António Cabral

A temporada de música começa, em força, com uma Gulbenkian a apresentar 13 programas diferentes em 17 concertos! Não será possível referenciá-los todos.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

11/10 às 19 horas (Grande Auditório)

Concerto do Ensemble “Hisperion XXI” sob a Dir. de Jordi Savall. Composições da Europa Musical de 1.500 a 1.700.

17/10 às 19 horas (Grande Auditório)

Sinfónica Juvenil de Caracas dirigida por Dietrich Paredes. Interpretam dois compositores do Sec. XX, um sul-americano, Silvestre Revueltas (“La noche de los mayas”), e um russo, Dmitri Chostakovitch (“Sinfonia nº 5”, talvez a mais célebre). Assistam. É sempre apaixonante ver tocar jovens de qualidade.

17/10 às 21 horas (Igreja de S.Roque)

Coro Gulbenkian dirigido pelo seu Maestro titular - Michel Corboz. Programa integral de Johann Sebastian Bach.

22/10 às 21 horas e 23/10 às 19 horas (Grande Auditório)

Orquestra Gulbenkian, com Dir. David Zinman, interpreta duas obras importantes Clássico/Românticas: Beethoven (Sinfonia nº 4) e Brahms (Sinfonia nº 2).

25/10 às 19 horas (Grande Auditório)

Orquestra de Câmara da Europa com Leonidas Kavacos no Vl. e na Dir.

Um programa Beethoven: Concerto para Vl. e Orq. e Sinfonia nº 3 (Heroica).

29/10 às 21 horas 30/10 às 19 horas (Grande Auditório)

Orquestra Gulbenkian. Dir. Alandra de la Parra e a soprano Dora Rodrigues. Um programa quase integralmente com compositores sul-

americanos: Silvestre Revueltas, Heitor Villa Lobos, Leonard Bernstein (a exceção), Arturo Márquez e Aylton Escobar. Deste último ouviremos “A Rua dos Douradores – Lítania da Desesperança” inspirada no “Livro do Desassossego” de Fernando Pessoa. É uma encomenda da Gulbenkian e da Orquestra Sinfónica do Estado de São Paulo.

TEATRO THALIA

10/10 às 21h30

Orquestra Metropolitana de Lisboa; Dir. Pedro Neves; Ana Pereira (vl.); programa: Mendelssohn “A Bela Melusina”; Samuel Barber “concerto para violino, op.14”; Beethoven “Sinfonia nº 2. Destacamos o concerto de Samuel Barber (E.U.A 1910-1981) raríssimamente ouvido em Portugal.

17/10 às 21 horas

Outro concertos de qualidade da Metropolitana no Palácio Foz

25/10 às 17 horas

C.C.B. (Grande Auditório) Igualmente a não perder.

TEATRO NACIONAL SÃO CARLOS

20, 22, 24, 26, 28 e 30 de Outubro às 20 horas e 1 de Novembro às 16 horas

A ópera “Madame Butterfly”, de Giacomo Puccini (1858-1924) é uma produção inglesa (Opera North) com encenação de Tim Aebery; Orquestra Sinfónica Portuguesa, Coro do T:N.S.C., Maestro Domenico Longo. Nos principais papéis: Hye-Youn (Madame Butterfly) e António Gandia (F.B.Pinkerton). Estamos perante uma das mais populares óperas de Puccini e de todo o repertório de ópera.

ARTES

A obra de Mário Rita e a necessidade humana de fixar momentos em retratos são avaliados nas exposições que a Artes&Letras sugere para este mês

Miguel Justino Contemporary Art

Les Voyeurs de Mário Rita

Até 24 de Outubro

Para Mário Rita, “o ato de criar é como querer agarrar a linha do horizonte, é uma impossibilidade. Perdura, sempre, a vontade de atingir o inatingível”. O desenho teve sempre uma importância fundamental no seu trabalho. Para o artista, os grandes temas da cultura ocidental são: a Anunciação, Entrada no Templo, Gólgota, Crucificação, Descida da Cruz, Pietà e Ressurreição. “São confronto e revelação, fazem parte de todas as paragens em direção ao inatingível. São verdades do Homem que se renova, não pelas modas, ou etiquetas que lhe atribuem, mas pela singularidade que alguns conseguem ver. Há Voyeurs que vêm com olhos abertos, há Voyeurs que vêm com olhos fechados, há Voyeurs que vêm sem olhos, há Voyeurs que não querem ver”.



Fundação Calouste Gulbenkian

Olhos nos olhos: o retrato na coleção do CAM

Até 19 de Outubro

O retrato é das mais antigas e recorrentes temáticas da história da arte. A humanidade sempre necessitou de fixar os rostos ou os corpos, num determinado tempo, espaço ou ocasião. Nunca deixou de tentar eternizar o que sabemos ser finito: a vida. Esta exposição, com algumas das mais notáveis obras do acervo do Centro de Arte Moderna, propõe uma viagem pelo universo do retrato ao longo de um século. “Olhos nos Olhos” remete para uma duplicidade de olhares, não apenas para o olhar do espectador que fita o retratado, mas também para o olhar do artista que observa o outro quando o retrata. A exposição mostra assim múltiplos olhares nos quais os nossos olhos encontrarão ora proximidade, ora distância, ou simplesmente a tão ausente mas necessária contemplação do outro.

PORTO

No Porto, em Outubro, vai ser possível recordar Amália Rodrigues, 16 anos depois de nos ter deixado; ver obras de Helena Almeida; e assistir a uma peça, no mínimo, inquietante

teatro



A decisão

De 22 a 25 de Outubro no Teatro Helena Sá e Costa

Esta é uma peça política intervencionista escrita por Bertolt Brecht em 1929. A partir de uma situação limite – a decisão sobre o assassinato de um homem para garantir a continuidade da revolução –, o espectador vê-se instigado a criar as suas próprias perguntas e respostas. Um companheiro, um jovem camarada, deve morrer porque cometeu um erro. Há intranquilidade no palco. As cadeiras deixam de ser cómodas e o público é levado para a cena porque a peça propõe uma arena de trocas e desvios em que o espectador é um dos polos da ação.

música



Amália, não sei porque te foste embora

Dia 6 de Outubro no Coliseu do Porto

No dia em que passam 16 anos desde que Amália Rodrigues nos deixou, a fadista estará novamente presente na sala mais emblemática do Porto. A artista que foi recebida em apoteose nos maiores palcos do mundo, e que elevou o nome de Portugal, será evocada por jovens e experientes fadistas e por artistas de outras áreas. Rosita, Ana Pinhal, Patrícia Costa, Miguel Xavier, Sérgio Martins e Marco Paulo fazem parte do elenco desta homenagem.

artes



Helena Almeida

De 17 de Outubro a 10 de Janeiro na Fundação Serralves

Esta é a exposição mais completa, até à data, da obra da renomada artista portuguesa Helena Almeida, examinando o seu trabalho de pintura, fotografia, vídeo e desenho ao longo de quase cinco décadas. Além das pinturas “habitadas” e das series fotográficas pelas quais é mais conhecida, serão mostradas obras raramente exibidas, desde a pintura abstrata inicial, onde a artista mostra o interesse em ultrapassar os limites do espaço pictórico e narrativo. Como Helena Almeida afirma: “A minha pintura é o meu corpo, a minha obra é o meu corpo”.



Betar

DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA

JOSE PEDRO CROFT
- S/TÍTULO, 2007 -
ÁGUA TINTA, MANEIRA
NEGRA, PONTA SECA.
EDIÇÃO DE 12